

Mosaico Amarelo do Pimentão em Tomateiro (PepYMV)



A Doença

O tomateiro (*Lycopersicon esculentum*) constitui-se na principal olerícola cultivada na Região Serrana do Estado do Espírito Santo entre os meses de outubro e março, com destaque para os municípios de Venda Nova do Imigrante e Domingos Martins. Em fevereiro de 2002, foi diagnosticada a ocorrência com alta incidência de uma virose causada pelo vírus *Pepper yellow mosaic virus* (PepYMV), que causa perdas aos produtores de tomate da região.

Em levantamentos realizados em 2003, através de visitas em lavouras de tomate nos diversos municípios da Região Serrana, a doença foi confirmada por meio de diagnóstico sorológico pela técnica de ELISA indireta e microscopia eletrônica em Afonso Cláudio, Alfredo Chaves, Castelo, Conceição do Castelo, Domingos Martins, Marechal Floriano, Muniz Freire, Santa Maria de Jetibá, Vargem Alta e Venda Nova do Imigrante, onde as cultivares e híbridos apresentavam sintomas da doença com incidência e severidade variável. O vírus, além do tomateiro, também infecta o pimentão e a pimenta, onde causa perdas elevadas.

Sintomas da Doença



Os sintomas característicos nas plantas infectadas são de “mosaico amarelo”, de onde vem o nome da doença (Figura 1). As plantas muito afetadas tornam-se definhadas e improdutivas, e os frutos que se formam perdem o valor comercial, registrando-se assim perdas elevadas.

Figura 1 - Sintomas característicos de mosaico em folíolo.

Muitas vezes em função das cultivares plantadas, os sintomas da doença são de mosaico difuso a leve, o que dificulta o diagnóstico no campo. As plantas se tornam infectadas ao longo da fileira (Figura 2).

Geralmente os primeiros sintomas da doença no campo são observados quando as plantas apresentam entre 15 a 30 dias após o transplantio (Figura 3).

Na fase inicial da doença, os sintomas são por vezes confundidos com deficiências nutricionais, o que tem levado alguns produtores ao uso intensivo de adubos foliares sem necessidade, causando desequilíbrios e tornando as plantas mais suscetíveis.



Figura 2 - Plantas com mosaico ao longo da fileira.



Figura 3- Planta jovem de tomateiro apresentando sintomas de mosaico e redução dos folíolos.



Figura 4- Pulgões (afídeos) transmissores da virose.

Como a Doença se Dissemina

O vírus é transmitido por afídeos (pulgões), que quando sugam as plantas doentes, levam o vírus para as plantas saudáveis (Figura 4).

Algumas plantas daninhas são também infectadas pelo vírus e servem de fonte de inóculo.

Manejo da Doença

Não existem produtos químicos para controlar o vírus nas plantas doentes, e atualmente todas as cultivares e híbridos de tomate plantados no Estado são suscetíveis, variando a severidade. Assim as medidas de manejo a seguir devem ser adotadas pelos produtores para minimizar as perdas:

- produzir as mudas em locais protegidos por tela à prova de insetos (tela anti-afídica), para evitar a contaminação;

- pelo modo de transmissão do vírus as pulverizações com inseticidas são ineficientes, bem como não adianta fazer barreiras com lonas ou telas nas lavouras no campo;

- evitar o plantio escalonado na mesma área, ou seja, plantios novos muito próximos de lavouras na fase de colheita;

- evitar o cultivo continuado de tomate e de pimentão, que também é susceptível, durante o ano na mesma região;

- eliminar as plantas doentes (roging), na fase inicial de plantio, reduzindo assim as fontes de inóculo e a disseminação do vírus na lavoura;

- eliminar imediatamente após a fase de colheita as lavouras improdutivas. Esta prática deve ser feita por todos os produtores da região, uma vez que os restos de cultura no campo podem estar infectados e servirem de fonte de inóculo para as outras lavouras.

Equipe Técnica

Hélcio Costa - Pesquisador, D.Sc. Fitopatologia, INCAPER
José Aires Ventura - Pesquisador, D.Sc. Fitopatologia, INCAPER
Eunize Maciel Zambolim - Pesquisadora, D.Sc. Fitopatologia, UFV/DFP
Antonio Carlos Ávila - Pesquisador, Ph.D. Fitopatologia, Embrapa Hortaliças.

Agradecimentos: Aos professores Dr. Elliot W. Kitajima, USP/ESALQ, e Dr. Francisco Murilo Zerbini Jr, UFV/DFP-BIOAGRO, pelo apoio na identificação de algumas amostras na fase inicial de diagnóstico. Ao engenheiro agrônomo Ricardo Scantamburlo Prates, MAPA/DFA-ES, pelo apoio na coleta das amostras e levantamento da distribuição da doença no Estado. Ao Sr. Valerino Ebani, pelo apoio no laboratório de fitopatologia do Incaper.

Documentos nº 126
ISSN 1519-2059
Editor: DCM - INCAPER
Tiragem: 2.000
Vitória-ES / Abril de 2004
www.incaper.es.gov.br
dcm@incaper.es.gov.br



Secretaria da
Agricultura Familiar

Ministério do
Desenvolvimento Agrário



Realização



ESPÍRITO SANTO
GOVERNO DA MUDANÇA

SECRETARIA DA AGRICULTURA
ABASTECIMENTO, AQUICULTURA E PESCA